

LAVORES DE ANA



COMPANHIA DAS LETRAS



ANA
CLÁUDIA
SANTOS

Foi num domingo que me tornei conhecida no prédio. Deixei pronta a cafeteira grande, felizmente não liguei o fogão. Estava um dia de sol, ventoso, a roupa enxugaria num instante. As varandas da sala e do quarto davam para um saguão, mas a da sala era a única com estendal. Abri as portadas verdes de alumínio e entrei com o alguidar da roupa lavada: toalhas, dois pijamas leves, roupa interior, *T-shirts*. É uma tarefa doméstica que faço com agrado e método. Procuo que caiba tudo na corda, prendendo as molas meticulosamente em sítios onde não deixem vincos. Sempre foi, para mim, uma actividade solar, matutina, que associo a ter o dia todo pela frente. Era Junho e eu acordara tarde, num *palazzo* do século XVIII. Nunca antes tinha vivido numa casa tão antiga. Ali, tudo dura séculos. Eu já estivera ali.

Debrucei-me e comecei a estender a roupa. Estava dobrada sobre o estendal, a meio da tarefa, quando as portadas se fecharam atrás de mim, com uma pancada decidida, metálica. Tentei abri-las, empurrando-as. Experimentei

depois passar os dedos por uma das aberturas entre as lâminas, para chegar ao puxador, fi-lo mesmo com uma mola da roupa. Impossível, o espaço era ínfimo. As portas estavam cerradas, só se conseguiriam abrir pelo lado de dentro. Estendi a roupa que faltava enquanto pensava no que fazer. Tinha saído para a varanda em pijama e de chinelos, sem telemóvel. Mary não voltaria a casa senão ao final do dia. Imaginei como seria passar o domingo na varanda, à espera dela. Pelo menos oito horas naquele espaço. Não, não podia ser. Voltei a tentar abrir as portas. Cerradíssimas. Eu estava trancada na varanda e não havia nada a fazer senão esperar. Pousei o alguidar vazio numa das cadeiras de plástico, sentei-me na outra. O sol batia na roupa, em mim. Chovera na semana anterior, mas aqueles primeiros dias de Junho antecipavam o Verão. Pensei em tudo o que planeava fazer durante o dia, enquanto Mary não chegasse. Enzo ia decerto estranhar o meu silêncio. Comecei a sentir-me inquieta.

Tinham passado dez, quinze minutos. Uma vizinha subia o último lanço de escadas antes do patamar do segundo piso, carregada de sacos. Fora provavelmente abastecer-se para o almoço de domingo. Eu já a vira à porta da mercearia em frente da casa, a falar com outras vizinhas. Uma mulher de meia-idade, maciça, de rosto agourento, num perpétuo franzir do cenho. Seria a mesma que ouvíamos tossir cavamente à janela, enquanto fumava? Quando começou a atravessar o patamar, dei por mim a gritar:

— *Signora, signora!*

Pensaria no «*Signore!*» que Sophia Loren dirige ao vizinho Marcello Mastroianni, em *Um Dia Inesquecível*, quando o papagaio foge? Ela vai procurá-lo, precisa de ajuda para voltar a aprisionar o papagaio e, de certa maneira, para se libertar da casa, da vida familiar. Nesse tempo, o meu italiano falado tornara-se bastante razoável; Mary e Enzo costumavam elogiá-lo, não sem surpresa, sobretudo por eu entender também muito do que era dito em dialecto. Desde pequena que me habituei a ouvir as pronúncias variadas da minha família. Vejo-me de orelha arrebitada, a querer descodificar o que os mais velhos diziam, sensível às entoações, pronta a detectar especialmente a inflexão predadora, o acento antipático. Fazia-o também com Mary, quando ela falava alto ao telefone, à espera da explosão. Ela tinha ido à Calábria visitar os pais, e foi isto que expliquei à vizinha, depois de lhe ter confirmado o óbvio:

— Estava a estender a roupa quando a porta da varanda se fechou atrás de mim.

A vizinha pareceu incrédula. Claro que eu era estrangeira, mas nem os estrangeiros faziam disparates daqueles.

— A *signorina* Concetta só volta logo à noite. — Assim que o disse, senti que as lágrimas se produziam dentro de mim.

— *Maronn'*... — disse ela.

Imaginei a mesma cena num saguão português, na Mouraria ou em Alfama. Mas estávamos na Via dei Cristallini, no bairro da Sanità, em Nápoles.

Alertados pela *signora*, apareceram pouco depois um homem e uma mulher que viviam no andar dela. Olhei

para baixo, para o pátio. Entraram dois rapazes de mota. Nós morávamos no último piso, um terceiro andar alto. Todos os dias era um exercício fatigante subir até à casa de Mary, aonde eu chegara havia três semanas, carregada com uma mala grande e uma mochila. Mais pareciam três meses. Com a sua voz crocitante, a *signora* explicou ao casal o que se passava, e em breve se formou um comício: metade do *palazzo* estava à porta do apartamento, de que eu tinha uma visão completa, da varanda da sala. Perceberam num instante que estava ansiosa e não podia passar o dia ali. Por meio da *signora*, eu convocara-os para me libertarem, e o engenho daquela gente concentrou-se por inteiro na resolução do problema lógico: a porta da casa estava fechada à chave e, por me encontrar sozinha, eu deixara a chave na fechadura!

Entusiasmados com o bulício, os mais novos discutiam entre si, enquanto os mais velhos mediam o espaço entre a porta e o chão. Até a *signora* cooperou, sugerindo que eu tentasse passar da varanda da sala para a do quarto, que tinha as portadas abertas. Embora a distância entre as duas não fosse muito grande, pareceu-me que só um acrobata conseguiria transpô-la sem cair a pique para o pátio. Queria que me matasse, queria ver sangue naquele domingo? Era uma ideia de loucos, e nenhum dos vizinhos lhe deu crédito, entretidos como estavam a tentar que a chave caísse da fechadura. Usaram diversos objectos metálicos, chaves, alfinetes, um arame. Eu não podia fazer nada para os ajudar, sentia-me cada vez mais impaciente, olhando para as paredes com a tinta descascada que me

rodeavam, os terraços e telhados desiguais, atravessados por fios eléctricos, onde proliferavam antenas de televisão e aparelhos de ar condicionado. Uma cidade como Nápoles pode fazer lembrar uma soma de povoados, em que cada edifício é, por si só, um microcosmo.

Estiveram naquilo uma boa meia hora; tenho a certeza de que não se teriam ido embora enquanto não fossem bem-sucedidos. Quando isso aconteceu, e a chave caiu e a fizeram passar por baixo da porta, e franquearam a porta de casa e depois a da varanda, rodando o puxador e soltando-me, agradei profusamente à *signora*, ao casal, a todos os homens e mulheres que, entretanto, se haviam juntado. A atenção deles, no entanto, transferira-se para a casa, que percorreram de uma ponta à outra, proferindo palavras de admiração:

— Que linda que é, que grande, oh!, como é bonita!

Por fora, ninguém imaginaria, mas era de facto uma bela casa, arejada, renovada com bom gosto, excelentes acabamentos, móveis simples, livros nas estantes, sem santos nas paredes. Deixei-os a examinar a sala, atravessei o corredor e fui à cozinha, onde pus o café ao lume e alcancei o maço de tabaco. A *signora*, que me seguira, pediu-me um cigarro, eu dei-lho, perguntei ao grupo se mais alguém queria. Fomos para o terraço fumar, ofereci-lhes o café que havia. Pouco a pouco, ia-me restabelecendo. Perguntaram-me como me chamava. Ana, Anna, Annarella, Annarè. É tão alegre o meu nome em italiano, com todas as vogais abertas. Em português, é simplesmente um nome grave.

Antes de saírem, ensinaram-me a prender as portas para que não se fechassem sozinhas. Falaram em italiano, foram amáveis. Despedi-me deles, era quase hora de almoço, teriam muito de que falar durante a tarde. Por fim, fui ver o telemóvel. Como suspeitava, várias mensagens de Enzo e uma chamada perdida. Respondi às mensagens, disse-lhe que, afinal, não queria combinar nada com ele nessa noite. Também era bom termos um dia de descanso um do outro, mas isso não lhe disse.

Quando Mary chegou e lhe relatei os acontecimentos do meu domingo, temi que se zangasse por eu ter deixado os vizinhos entrarem-lhe casa adentro. Em vez disso, riu-se. Partilhou comigo algumas das iguarias que trouxera da terra dos pais — pimentos recheados, azeitonas, queijos, pois nunca os italianos do Mezzogiorno voltam da terra natal de mãos a abanar — e fomos jantar para o terraço. Parecia ter vindo bem-disposta de lá, senti-a revigorada. Nessa noite, conversámos, ela não comeu sozinha em frente da televisão, como muitas vezes a vi fazer. Quis falar-lhe de Enzo, mas ainda era cedo. Na manhã seguinte, Mary pegaria na *Vespa* e passaria duas dezenas de minutos no trânsito até chegar ao escritório de advogados onde trabalhava; eu ia encontrar-me com Chiara Giordano.

Passei a ser a Annarè. As vizinhas e os maridos começaram a cumprimentar-me com um sorriso de cumplicidade, levemente escarninho: lá vai a que ficou fechada na varanda, a portuguesa, a forasteira. Era bom ter a simpatia

das pessoas que de início me intimidavam, em especial, as mulheres. Tinham modos rudes, falavam entre si num dialecto cerradíssimo, pareciam sempre zangadas. Algumas eram belas, chamavam os filhos ou as amigas gritando longamente os nomes à varanda: *Antonè!* *Elvi!* *Pascà!* *Lui!* As sílabas pós-tónicas dos vocativos apocopadas, as tónicas muito prolongadas, quase cantadas. A palavra regional para estas interpelações, aprendo com Erri De Luca, é *allucchi*. É uma forma de chamamento não especificamente napolitana, que abrange bairros populares, sobretudo meridionais. A minha avó também chamava alto a minha mãe, à janela — um género poético e existencial que em Nápoles ainda não se perdeu, pois continua a haver crianças na rua para chamar.

Era evidente, no entanto, que a cidade estava mudada. Há quinze anos, quando vivi em Nápoles pela primeira vez, o mundo não fora ainda acometido da febre Ferrante; o primeiro volume da tetralogia napolitana ainda não tinha sido publicado. Passados dez anos, graças ao êxito dos livros e da série televisiva, já havia visitas guiadas aos lugares do romance. A própria Sanità, um bairro construído fora das muralhas da cidade antiga, de que dantes todos queriam distância, com a sua malha de vielas e o tropel de *Vespas*, começou a fazer parte dos percursos turísticos. Há quinze anos, voava-se de Lisboa para Roma e apanhava-se o comboio em Termini, com destino à estação de Napoli Centrale. O primeiro encontro com a cidade tinha lugar na Praça Garibaldi, e não numa fila para o táxi no aeroporto de Capodichino.

Uma italiana a quem eu dava aulas de português, em Lisboa, falara-me de uma amiga de Nápoles que vivia com o namorado e tinha agora um quarto para arrendar. Ficava na Via dei Cristallini, onde em tempos mestres vidreiros trabalhavam o vidro e o cristal. Maria Concetta Brancati: Mary. Os cabelos escuros e encaracolados, as costas franzinas, o nariz aquilino, tensa, ácida, aceleradíssima. Também Mary me intimidou, quando nos conhecemos. Estava constantemente ao telefone, em chamadas ou a gravar mensagens de voz. Ouvi-a várias vezes discutir com alguém, enervada. Parecia-me que a apanhava num período conturbado. A minha aluna dissera-me que o namorado de Mary tinha saído de casa. Eu imaginava que ele a tinha deixado por outra mulher, e sentia-me culpada pela sua tristeza.

Naqueles meses, pratiquei exercício físico regularmente; a minha médica teria ficado orgulhosa. Habituei-me a ir correr para o bosque de Capodimonte, ao final da tarde. Para lá chegar, eram cerca de quinze minutos por uma rua estreita, em subida, a Salita di Capodimonte. Passava rente a uma encosta de tufo, com casinhas e lojecas sob arcos de tufo, vasos nos parapeitos das janelas baixas, varandas ao nível do chão. Era um bom sítio para observar aquela pedra calcária, esponjosa e porosa, de aspecto rarefeito, cor de areia, que se vê um pouco por toda a cidade. Foi Walter Benjamin, num texto que escreveu com Asja Lācis, que estendeu a porosidade da rocha à arquitectura

de Nápoles, à vida comunitária e à própria psicologia dos seus habitantes, associando a aparência provisória e improvisada dos prédios, dos pátios, dos patamares a uma presumida indolência meridional. Mas Nápoles nunca poderá ser uma cidade indolente.

Ao chegar a Capodimonte, antes de entrar no bosque, reparava no espantoso contraste entre o raso e o elevado, o popular e o régio: em baixo, um dos ventres de Nápoles, mil cores, mil medos, mil estratos; em cima, uma outra Itália, uma outra Europa. De regresso a casa, descia a mesma rua, de óculos escuros e auscultadores, sem ouvir os carros e as *Vespas* atrás de mim. Imaginava-me a andar dentro de uma bolha, recordando que debaixo dos meus pés, no subsolo, havia uma cidade escondida, escavada, tão monumental como a que se encontrava à superfície: pedreiras, catacumbas, caves, a antiga rede de esgotos, canais, aquedutos, cisternas. O espaço subterrâneo de Nápoles somava oito milhões de metros cúbicos. Como se não bastasse a presença ubíqua do vulcão, a cidade encerrava sob si um abismo. A qualquer momento, o chão podia abrir-se, o que, por vezes, acontecia: as notícias do afundamento de terras davam conta de pessoas, carros e árvores engolidos pela voragem.

Não era tanto por amor ao exercício que eu ia correr. Pensava em Marco, temia encontrá-lo e, ao mesmo tempo, fantasiava com isso. Há momentos da minha vida para os quais imagino uma banda sonora. Se me cruzasse com Marco, o nosso reencontro assemelhar-se-ia ao descrito na canção «Semaforo Rosso», um diálogo de Ornella Vanoni

com Toquinho: breve, belo, delicado. Correr era um modo de combater o desânimo, mas também de evitar passar tempo com Mary. Não sabia o que lhe dizer, sentia-me uma intrusa em sua casa, a devassar-lhe a intimidade. Quando chegava da minha corrida, encontrava-a a preparar o jantar. Ia tomar banho, comia depois dela, arranjava-me, saía novamente, chegava tarde. Pensava que podia fazer mais por ela, tentar ajudá-la, alegrá-la, porque era óbvio para mim que estava triste e me cabia animá-la. Mas, depois, isso passava-me. Estou farta de me preocupar com todos à minha volta, pensava; não consigo consolar toda a gente. Era com essas palavras que eu justificava o desconforto que sentia perto de Mary, como se fosse minha função satisfazer não só a sua necessidade de consolo, mas a de todos aqueles em quem eu detectava a menor sombra de tristeza.

No regresso, Enzo deixava-me habitualmente na Praça Cavour, e eu andava umas centenas de metros até casa. Mal chegava, ia fumar um cigarro ao terraço e ficava a olhar para a rua. Numa perpétua insónia, os vizinhos de prédios defronte estavam sentados nas varandas, por causa do calor húmido e sufocante, a *afa*, que nem de noite dava tréguas. A única luz que se via nas casas era a dos televisores acesos. Voltava para dentro, preparava-me para ir dormir sem fazer barulho e deitava-me sem sono, rememorando a noite com Enzo. Podia passar muito tempo assim. Estava completamente desperta, quase despida, destapada. Acordava cedo com o calor, mas deixava-me ficar na cama, à espera de que Mary se levantasse e fosse

à casa de banho. Só saía da cama quando ouvia a porta de casa bater. Receava Mary como receava as mulheres do prédio e da rua. Tinha medo de que me fizessem mal por eu ter 35 anos e andar com um homem dez anos mais novo, que tinha acabado de conhecer; um medo obscuro de que me batessem ou empurrassem das escadas, por eu ser tão feliz — os forasteiros são sagrados, mas por pouco tempo. Era um medo que me acompanhava desde criança. No Natal, depois da troca de presentes, dispunha-os em cima da cama para os contemplar. Fazia-o sozinha no quarto, com pudor da abastança, da minha satisfação. Escondia-me por instinto, vigiava as minhas manifestações de alegria, por uma superstição precoce de que algum mal me acontecesse por eu ser feliz.

«*Complimenti alla mamma*», disseram-me uma vez na rua. Foi um piropo gentil, a minha mãe tê-lo-ia apreciado. Nesse tempo, sentia-me esperançosa. Aconteceu há quinze anos, na rua do mercado da Pignasecca. Nunca fui assaltada em Nápoles, e declaro-o quase com orgulho aos amigos e conhecidos que pensam visitar a cidade. É impossível ir a Nápoles pela primeira vez sem se possuir uma torrente de lugares-comuns transmitidos pelo cinema, a literatura, os guias de viagem: as motas, a confusão, o contrabando, a *camorra*, os gestos e os gritos, mas também as igrejas, a pintura barroca, o café suspenso, o *panaro*, a *pizza*. No entanto, que tipo de competências se deve ter para não se ser assaltado em Nápoles? Não se vestir como

um turista, não parecer ter dinheiro, não mostrar medo, passar o mais despercebido possível? Não estar no sítio errado à hora errada? Gabar-se de não ser assaltado é um pouco como orgulhar-se da própria saúde mental: há medidas que podem ser tomadas, mas, no fundamental, trata-se de puro acaso.

Conheci Enzo, Vincenzo Rosa, numa esplanada da Praça San Domenico Maggiore. Eu estava sozinha numa mesa com os meus apontamentos, ele tomava um copo com amigos na mesa ao lado. Estávamos virados para o obelisco da praça, de costas para a igreja. Enzo terá percebido que eu não era italiana por algo que terei dito ao empregado de mesa, ou sentiu-me receptiva, visto que eu prestava mais atenção aos homens da mesa ao lado do que aos meus papéis. Travou conversa comigo, perguntou-me de onde era, há quanto tempo estava em Nápoles, se conhecia a cidade. Eu disse-lhe que sim, pois tinha aí vivido uns meses, dez anos atrás, enquanto fazia investigação para um doutoramento em Filosofia (enquanto lhe respondia, perguntava-me se permanecer uns meses num sítio era suficiente para o conhecer). Ao ouvir a palavra «doutoramento», perguntou-me sem cerimónia quantos anos tinha. Disse-lho, ele fez que não acreditou. Malditos italianos, sempre com o galanteio pronto. Acrescentei que tinha regressado a expensas minhas para traduzir um livro de Chiara Giordano, com quem me encontrava para esclarecer dúvidas linguísticas, visto que algumas personagens usavam o dialecto napolitano. O livro obteve algum êxito, houve críticas favoráveis em jornais italianos.

Era a primeira vez que eu traduzia uma autora viva. Enzo nunca tinha ouvido falar dela, o que não me espantou, já que se tratava da sua primeira obra, e ele próprio confessava não ser grande leitor. Disse-me que, se eu quisesse, podia aprender o dialecto com ele; era o que todos, em sua casa, falavam. Enzo não era de Nápoles, mas de Somma Vesuviana, uma povoação circundante do Parque Nacional do Vesúvio, no sopé da montanha, para onde os antigos romanos haviam sido atraídos pela fertilidade do solo e a qualidade das vinhas, e onde continuaram a construir *villas* mesmo depois da erupção de 79 d. C.

A conversa prosseguiu. Os amigos dele quiseram ir-se embora, Enzo ficou, mudou-se para a minha mesa. Disse-me que estudava e ajudava o pai na mercearia da família. Frequentava o primeiro ano do mestrado em Ciências da Nutrição, tinha uma irmã mais velha, jogava futebol com amigos, cultivava uma horta, queria viajar. Pegou no livro de Chiara, folheou-o, disse que ia tentar encontrá-lo numa livraria. Quis saber em que zona da cidade eu vivia, com quem e como passava os meus dias. Contei-lhe que, pelo menos duas vezes por semana, descia toda a Via Toledo para ir da Sanità à casa de Chiara, no Quarteirão Espanhol. Enzo não conhecia a Sanità, perguntou-me se não era um bairro perigoso e sugeriu que fôssemos um dia correr juntos para o *lungomare*, para uma mudança de ares. Ou podíamos ir tomar um aperitivo, depois do meu trabalho, fora de Nápoles, em Castellammare di Stabia ou em Torre del Greco. Ele tinha carro. Notei em mim um nervosismo imprevisto. Mexia

demasiado no cabelo, e o lápis que deixei pousado na mesa foi parar ao chão por um movimento brusco meu. Percebi que Enzo me agradava, tal como me agradava a ideia de ir com ele àqueles lugares. Que disparate, pensei. Enzo não era nada o meu tipo: um homem bonito, atlético, seguro de si. Olhos verdes, lábios bem desenhados, uma certa ousadia no traço da maxila inferior. Usava ao pescoço um fio de ouro com um crucifixo. Parecia bom rapaz. Trocámos números de telefone. Pouco depois, chegou Chiara. Enzo cumprimentou-a com um aceno, olhou-me discretamente de cima a baixo e despediu-se de mim com dois beijos nas faces, como se fôssemos amigos.

No dia seguinte, falámos ao telefone para combinar o encontro. A sua voz soou-me mais adulta do que me lembrava. A nossa primeira excursão, passados dois dias, foi a Sorrento. Encontrámo-nos ao fim da tarde, na Praça Trieste e Trento, em frente ao Café Gambinus. O plano original era ir a Castellamare, mas, assim que entrei no carro, Enzo disse que tinha mudado de ideias. Só mais tarde pensei que ninguém sabia onde eu estava, para onde ele me levava. No carro, falámos, gracejámos, perguntámos um sobre o outro. Eu gostava de o ouvir, de identificar as diferenças entre a pronúncia dele e a de Mary, que era da Calábria, mas vivia em Nápoles desde os 19 anos.

Chegados a Sorrento, demos uma volta rápida pelo centro, comemos gelado de pistácio e descemos umas escadas que nos levaram a uma praia deserta. Sentados na areia, com o mar em frente, surpreendeu-me que tivéssemos tanto para dizer um ao outro, tendo em conta

o pouco que parecíamos ter em comum. Ele fora providente e trouxera garrafas de água e cervejas numa bolsa térmica. Eu tinha consciência de que ele me agradava, mas não me era ainda evidente o que podia acontecer, o que eu queria que acontecesse. Turvava a minha própria lucidez por achar que ele não era o meu tipo, e quem sabe o que veria em mim, ou se eu era o tipo dele.

Sozinha com Enzo naquela praia, não pensei que pudesse fazer-me mal. Olhei-lhe para as mãos e subitamente pus-me a elogiá-las. Disse-lhe que eram bonitas, bem-feitas. Há coisas que se dizem com mais facilidade numa língua estrangeira. Ele pegou-me numa mão, pô-la sobre a sua e levou-a aos lábios. Beijou-a com suavidade, disse que eu tinha mãos delicadas. Em seguida, decidido, mas tão devagar que eu teria tido tempo de me afastar e ele de perceber se devia interromper-se e mudar a direção da cabeça e do tronco, aproximou-se de mim e beijou-me, um beijo longuíssimo. Rompida a primeira timidez, foi tudo muito simples. Enzo compreendeu o que eu desejava antes de mim, que me limitara a revelá-lo por meias-palavras. Éramos livres e tínhamos o Verão pela frente.

Dormi pouquíssimo nessa noite. Acordei ainda mal havia sol, levantei-me assim que Mary saiu, tomei café e lancei-me ao trabalho. Pelas duas da tarde, depois de um almoço ligeiro, fechei as portadas e deitei-me no sofá da sala. Se tivesse fechado os olhos, teria dormido boa parte da tarde. Em vez disso, levantei-me e voltei para

a secretária, as minhas mãos sobre o teclado do computador, percutindo-o como uma pianista. Em Nápoles, Goethe dizia que não conseguia trabalhar, porque as coisas que via eram demasiado belas, traziam-lhe demasiada felicidade, proporcionavam-lhe demasiado prazer. «*Vedi Napoli e poi muori.*» Poder morrer depois de se ter visto tanta beleza. Ou morrer de desgosto por a viagem ter terminado. Pensa-se que se ama um lugar pelo que este tem de singular, quando é possível que o que se ama seja a pessoa que se foi, a felicidade e o prazer que se experimentou então. Porém, não se ama menos um lugar por se ter sofrido nele.

Eu lembro-me, busco, tento reconstituir. Que vi, que fiz? Fotografei menos do que devia; por vezes, não sei o que fotografei. Que rua era, que igreja, que bairro? Estive tão enamorada, que me esqueci de anotar. Sou uma viajante imperfeita e distraída. Reincidente. Vou a lugares onde já estive. Consultando contas de *e-mail* e agendas, conto quantos dias vivi em Nápoles: no total, pouco menos de um ano. Se juntar a esses meses os anos em que não vivi lá, mas em que li, pensei e investiguei sobre a cidade, concluo que dediquei cerca de um terço da minha vida a um lugar onde não me encontrava. Hoje, na livraria dos livros de viagem, reconhecem-me. Sou a que compra tudo o que há sobre Nápoles e o Sul de Itália, incluindo guias turísticos.

— Vai de férias para lá? — perguntam-me.

— Não, vivi lá e gostei muito — respondo, abreviando uma história que levaria tempo a contar.

Nápoles, *Neapolis*, a cidade nova.

*

Foi nesse Verão que descobri o Mediterrâneo. Desde o início, Enzo empenhou-se em mostrar-me os lugares que faziam parte da sua história. Logo no nosso terceiro encontro, levou-me ao bar de um amigo, numa localidade perto de Somma. Intuí nele uma espécie de orgulho em exhibir a mulher estrangeira, mais velha, que vivia em Nápoles, falava italiano e até conhecia o *caffè alla nocciola* que lhe serviam. Deixei-o desenhar as nossas rotas, fui aonde me levou: Sorrento, Portici, Vico Equense, Sant’Anastasia, Torre del Greco, Herculano, Positano, Ravello, Minori, Cava de’ Tirreni. Nas fotografias, dezenas de vistas e panoramas, lonjuras e céus em fogo contemplados de miradouros.

Quando viajávamos, de noite, pelas vias rápidas dos arredores da cidade, via as luzes de terras desconhecidas e sentia-me perdida. Podia encontrar-me nos confins do mundo, tão obscuro era o caminho que tomávamos. Estava longe de Nápoles, e mais ainda de casa. Com a minha idade, a minha bisavó tinha oito filhos, a minha avó, quatro, a minha mãe, dois. Eu, que com 35 anos não tinha nenhum, andava por terras obscuras com um homem que acabara de conhecer, sentindo-me afortunada.

A vida parece perder o brilho ao lado de um amor novo. A minha rotina de trabalho em casa, o jogo do gato e do rato com Mary: tudo me entediava. Sentia-me desconcentrada, eléctrica. Quando não estava com Enzo, só me serenava ir correr, um exercício novo na vida do

Lavores de Ana

«Foi, até certa idade, a minha história: uma juventude fértil em paixões, sem Deus e sem pecado; a sensação de ser fêmea sempre presente; uma necessidade involuntária de seduzir; a volúpia de me ver sempre através de olhos diferentes. E o que hoje penso é que uma mulher pode fazer amor com quantos homens queira, contanto que não o faça por falta de amor-próprio.»

Nápoles e Lisboa. O fim da juventude e o começo da idade adulta. Uma mulher entre dois países e entre duas idades: assim é Ana, moderna nas liberdades do corpo e anacrónica no que lhe alimenta o espírito.

Lavores de Ana, história de uma travessia, é também um divertimento: seduz o leitor com cenas entre amantes, passeios de motoreta no Verão meridional e vistas bucólicas para o Vesúvio; serve-se da mística da viagem, do louvor da feminilidade, da simplificação da liberdade; joga arditamente com a sobreposição dos nomes próprios de autora e narradora.



E, contudo, sabemos que autora e narradora não coincidem, que o delírio amoroso esbarra em famílias conservadoras ou na falta de dinheiro, que as festas pagãs não bastam para calar sermões de padres ou comentários de vizinhas. E sabemos que a liberdade, para as mulheres, tem o tempo contado. Não sabemos, no entanto, quem é Ana.

Auspiciosa estreia de Ana Cláudia Santos na ficção longa, *Lavores de Ana* equilibra-se magistralmente entre o clássico instantâneo e a condição volátil de um sonho inventado. Delicada e livre, audaz e desassossegada, eis uma narrativa movida pela inquietação, a melancolia e o fulgor.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

  [companhiadasletrasportugal](https://www.instagram.com/companhiadasletrasportugal)

ISBN 9789895833368



9 789895 833368 >